



## EDITORIAL

Intelectuais latino-americanos, oriundos de diversas instituições, em sua maioria originados de países hispano-americanos, reuniram-se ao final da década de 1990 para formar o grupo Modernidade/Colonialidade. Desde as décadas anteriores, seu trabalho tinha como ponto comum a preocupação de atualizar a tradição crítica latino-americana, à luz dos estudos pós-coloniais. A publicação "La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales", organizada por Edgard Lander no ano 2000, pelo Conselho Latino-americano de Ciências Sociais (CLACSO), cumpriu o papel de apresentar ao debate acadêmico as ideias do grupo. A versão em português dessa coletânea seria disponibilizada pela biblioteca virtual da CLACSO em 2005, o que talvez explique um certo descompasso do uso da terminologia "decolonial" no meio acadêmico brasileiro, o que tem se observado de maneira mais evidente a partir dos últimos anos.

É inegável o alcance das formulações de tais intelectuais que, desde sua proposta de ruptura epistêmica, tem ensejado acalorados debates, seja para reafirmar seus pressupostos, seja para confrontá-los. Tal alcance, parece resultar de uma atitude militante, que reafirma a autonomia teórica da produção intelectual latino-americana. Em que pese a interrupção de sua ação enquanto grupo, que foi mais intensa na primeira década do século XXI, o contexto político atual contribui para pertinência da reflexão desses intelectuais, abrindo para uma miríade de novas interpretações, que ou se autoproclamam decoloniais, ou são lidas enquanto tal.

Entretanto, assim como vários dos autores enquadrados no que Nelson Maldonado Torres denominou de "giro decolonial", entende-se que o esforço por demarcar a autonomia intelectual da América Latina não se trata de novidade.

Desde o início da colonização, os processos históricos produziram um complexo cultural de dimensões materiais e representativas próprias, mesmo que guardadas as diferenças coloniais explicitadas e destacada pela opção decolonial.

Mas apenas para ficar em arco temporal mais próximo, é inescapável mencionar as interpretações que dialogaram com o marxismo para discutir a condição de países latino-americanos, na consolidação do capitalismo mundial. Desde autores como Mariátegui no Peru e Caio Prado Jr. no Brasil foi-se armando teoricamente no campo das ciências humanas um pensamento mais estruturado sobre as condições de inserção da América Latina no sistema capitalista. Mas a tradição latino-americana não ficou restrita ao pensamento marxista, como o demonstram as contribuições de Raul Prebisch e Celso Furtado, representativos do grupo de intelectuais que se reuniu na Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL), formuladores do pensamento desenvolvimentista. Forjava-se ali o método histórico-estrutural que buscava articular distintas escalas de interpretação dos fenômenos latino-americanos, desde as determinações do sistema internacional, até as micro-definições agenciadas por grupos e por sujeitos históricos específicos.

Um arcabouço teórico confrontado pelo marxismo negro caribenho, a partir das contribuições de autores como Franz Fanon e Aimé Césaire, que colocariam a ideia de raça como a essência da dominação que tornara possível a expansão mundial do capitalismo.

Ao final da década de 1960, todo esse movimento se cruzaria nas distintas interpretações sobre a dependência latino-americana, envolvendo variáveis culturais e econômicas num denso debate que contou com a

participação de inúmeros intelectuais brasileiros, entre os quais, Ruy Mauro Marini, Teotônio dos Santos, Vania Bambirra e Fernando Henrique Cardoso. E foi no âmbito desse debate que o trabalho do sociólogo peruano Aníbal Quijano ganhou projeção, sobretudo a partir de suas contribuições acerca dos conceitos de marginalidade e urbanização dependente, destacando-se aqui seu diálogo com o espanhol Manuel Castells. Como se sabe, Quijano viria a ser figura central do debate decolonial, com as formulações acerca da colonialidade do poder.

Foi também nesse momento de finais da década de 1960 que os campos da arquitetura, do urbanismo, do design e das artes, se voltaram para refletir sobre os temas do imperialismo norte-americano e da dependência econômica e cultural na América Latina. Nomes como Enrique Brownie, Jorge Henrique Hardoy e Gui Bonsiepe, em diálogo com os teóricos da dependência buscavam articular o estudo histórico da formação do espaço latino-americano com a prática projetual.

Ao final do século XX, os estudos culturais, os estudos pós-coloniais e a teoria do sistema mundo, viriam a incrementar a produção latino-americana, dando sequência às perspectivas de análise e as suas interseções disciplinares. A chamada opção decolonial resulta, portanto, dessa densidade intelectual, que ao final do século XX envolveu intelectuais, alguns dos quais, eles próprios partícipes da tradição crítica latino-americana, como são os casos de Enrique Dussel e Aníbal Quijano. Às ideias de subdesenvolvimento e dependência somou-se a de colonialidade do saber no âmbito das ciências sociais e humanas, que toca diretamente na questão da enunciação dos lugares e dos corpos no que diz respeito à produção do conhecimento. Explicita-se nas análises a condição colonial, que inaugurada na invasão da América perdurou mesmo após as independências das nações latino-americanas. Os novos contornos da diferença colonial a partir do século XIX teriam consolidado o sistema-mundo moderno capitalista na base da divisão e da exploração racial e sexual do trabalho. A emergência das novas potências industriais, Inglaterra e depois Estados Unidos, se fez sobre a reprodução de desi-

gualdades sociais e econômicas históricas, já há muito inauguradas, com o antigo sistema colonial. Para os teóricos decoloniais, essa lógica teria características específicas na América Latina, tanto por seu passado como colônia ibérica, quanto por sua posição diante da emergência dos Estados Unidos como potência mundial após a Segunda Guerra.

Atualmente, as novas disputas geopolíticas e a crise das democracias ocidentais atestam os limites da promessa civilizatória de base eurocêntrica, denunciada enquanto capa ideológica da colonialidade, provocando incertezas e busca de caminhos por parte das mais distintas áreas do conhecimento.

Justifica-se assim, a reunião de algumas reflexões nos campos das artes, da arquitetura e da produção do espaço urbano, que dialogam com os referenciais teóricos em questão, a partir de distintos pontos de vista.

O debate aqui se faz por distintos olhares, de pesquisadores que incorporaram a emergência dessas abordagens na formulação de seus problemas teóricos e historiográficos. As diferenças, muito acentuadas entre os objetos de pesquisa e das análises apresentadas, mostram que mais do que novos temas é o conhecimento sobre eles que se faz renovado. Os textos que seguem guardam em comum certa ênfase em interpretações que desejam confrontar as narrativas hegemônicas.

No artigo "Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões espaciais básicas em arquitetura", Leo Name parte das teses Nelson Maldonado-Torres, mas propõe aprofundar a reflexão sobre a análise espacial ensaiando quatro novas teses, em complementação às arroladas pelo intelectual porto-riquenho. Busca assim elucidar como a ideia de raça, na qual se apoia o ideal branco e burguês da modernidade, atravessou as concepções de espaço nas dimensões urbana, construtiva e representacional que condicionam o fazer arquitetônico. Para alcançar esse objetivo, seu rigoroso entendimento da literatura decolonial traz contribuição importante para os pesquisadores do campo da arquitetura que desejam incursionar por esse debate.

É nessa mesma perspectiva que Iaci d'Assunção Santos faz uma leitura espacial da colonização a partir da literatura. Em "Corporear Moema: o corpo feminino no tempo-espaço da (re)produção do Brasil Colônia", o poema épico de José de Santa Rita Durão, de 1781, é analisado à luz do processo de produção do tempo-espaço do Brasil Colônia, de modo a explicitar os aspectos brutais da ocupação que subjugarão o corpo feminino. A questão de gênero, que pouco apareceu nas abordagens iniciais dos teóricos do giro decolonial, foi sendo mais evidenciada pelo que se convencionou chamar de feminismo decolonial com as contribuições, entre outras, de Maria Lugones, Rita Segato e Silvia Cusicanqui. Antes delas, havia sido mesmo referência para o giro, o trabalho de Glória Anzaldúa. D'Assunção Santos trava aqui interessante leitura do trabalho da italiana Silvia Federici, para pensar na transformação do corpo em longa duração, na literatura, nas narrativas históricas, na pintura e na escultura, elucidando como os vestígios da temática do indianismo, da morte na água, da morte romântica e da temática do nu feminino se entrelaçam com as dimensões mais violentas do processo de colonização e também na transição para a sociedade capitalista.

Estabelecendo certo diálogo com esses olhares, mas de um ponto de vista bastante distinto, Ana Paula dos Santos Salvat coloca em suspeição a historiografia hegemônica que apresentou os modelos urbanos na América como transferências de modelos europeus. No artigo "Da América para a Europa: uma história decolonial da Praça Maior a partir da Cidade do México", a autora apresenta a formação dessa praça monumental como cruzamento da permanência de elementos da México-Tenochtitlan com as transformações castelhanas. Lança-se assim nova perspectiva para a história urbana, pois se é indiscutível que a tratadística imprime modelos teóricos disseminados em todo o mundo, a experiência histórica da praça mexicana também aparece como contribuição fundamental para as transformações urbanas na Europa, cujo marco seria a construção da Praça Maior de Valladolid no século XVI, que é posterior ao monumental espaço mexicano.

Em certo sentido, a abordagem de Ana Salvat atualiza e renova, agora em termos historiográficos, uma série de interpretações que questionaram a modernidade como produto exclusivo da colonização europeia, antevendo, na experiência latino-americana, os fundamentos de uma arte própria que incidiu de modo ativo nos processos globais. Em parte, esse é mote capturado por Eustaquio Ornelas Cota Jr. nas trajetórias intelectuais que se propõe a cruzar. "Nortear para quê? Reflexões de Marta Traba e Aracy Amaral sobre arte e cultura na América Latina (1970s)" mostra essas duas mulheres, como militantes ativas na cena cultural latino-americana, no firme propósito de superar o que entendiam como "dependência cultural", buscando uma aproximação entre artistas e instituições da região, com vistas a construir autonomia no cenário mundial. Recorriam assim, na década de 1970, ao trabalho de Torres Garcia, que na década de 1940, ao inverter o mapa da América em sua obra paradigmática colocava em questão o próprio sentido de "Nortear". Essa leitura, mostra que as perspectivas decoloniais do século XXI nos campos da cultura, devem considerar seus fundamentos de longa duração, para que as reflexões acadêmicas atuais não negligenciem as contribuições históricas que foram fundamentais para o debate.

No artigo "Perspectivas decoloniais para um design pluriversal", Viviane Nicoletti e Bruna Ferreira Montuori revelam a permanência das preocupações sobre a dimensão colonial da cultura, agora analisadas desde o campo do design. A partir de autores identificados com a opção decolonial, as autoras localizam mais precisamente os conceitos de interseccionalidade, com destaque para as elaborações de Maria Lugones, Lélia Gonzales e Silvia Federici, e de pensamento fronteiriço, teorizado por Walter Dignolo. A inquietação despertada pela efervescência intelectual desse debate está evidente na reflexão das autoras que partem da ideia de uma retroalimentação entre reflexão teórica e a prática projetual.

Por fim, o artigo A política e a poética do coletivo Frente Três de Fevereiro de Pedro Caetano Eboli Nogueira traz a análise de duas ações de arte-ativismo, apresentando a experiência estético-política do grupo

em questão. A análise articula as peças empíricas a uma reflexão sobre as noções de "sensível" e "dissenso" do filósofo francês Rancière, articulando-as às contribuições de outros autores como Jean-Luc Nancy, Silvio Almeida e Judith Butler, além do recurso à ideia de acontecimento de Michel Foucault. Entende-se que a abordagem, mesmo sem se reportar diretamente ao referencial teórico do giro decolonial, estabelece diálogo direto com o debate, sobretudo no que diz respeito à estrutura racial da condição colonial. Ao ressaltar a poética das ações de combate ao racismo estrutural do coletivo, a reflexão ainda traz contribuição com a renovação epistemológica do olhar sobre a cidade, pautada numa visão interdisciplinar que cruza a discussão dos regimes visuais colonizadores, com o caráter disruptivo de ações artísticas efêmeras de escala urbana. Encerrando o conjunto dos seis artigos, essa perspectiva traçada por Nogueira encontra as teses de Name que abrem o dossiê, apontando como a experiência comum da opressão se manifesta em práticas artísticas que colocam em questão as próprias estruturas de comunicação fincadas pela racialização.

Temos portanto um conjunto diversificado de temas e abordagens que atravessam o arco temporal de longa duração dos processos históricos, cujo ponto em

comum é a consciência sobre a diferença colonial, que define hierarquias geopolíticas desde a colonização da América.

A referência aos autores do marco teórico do giro decolonial, e de abordagens que consideram a diferença colonial e racial como elemento chave nas análises da arte, da arquitetura e da cidade, é construída de maneira muito distinta pelos autores dos artigos desse dossiê. Sua leitura pode ensejar tanto concordâncias quanto divergências em relação às dimensões temáticas e teóricas propostas, contribuindo para avançar no debate nas áreas que representam ou com as quais dialogam. Nesse sentido, o dossiê cumpre seu objetivo inicial, de promover um debate ampliado e qualificado acerca dos sentidos de termos e conceitos que só recentemente tem alcançado destaque em nosso meio acadêmico, em que pese a participação de inúmeros intelectuais brasileiros na tradição latino-americana enunciada nessa apresentação.

Aos autores que responderam à chamada de trabalhos desse dossiê, agradecemos por aceitarem o desafio de transcender os limites disciplinares e por compartilharem o manifestado desejo de inserir seus objetos de pesquisa nessa perspectiva decolonial.